

KARLA POLLMANN. *Entre la ciencia y la salvación. La interpretación del Génesis en San Agustín*. Flieger Ediciones: Madrid, 2013, 208p. ISBN: 978-84-95834-27-0.

Excelente iniciativa do *Centro de Ciencia y Fe* da *Faculdade de Teologia SEUT*, instituição pertencente à *Fundação Federico Flieger*, de coordenar e tornar possível a divulgação de parte da obra de Karla Pollmann. O presente livro é uma coletânea de trabalhos que já foram publicados originalmente entre 2007 e 2013 e faz parte do vasto acervo de trabalhos de Karla Pullmann, catedrática de estudos clássicos na Universidade de Kent (Canterbury, Reino Unido). Atualmente, sua dedicação ao estudo dos comentários ao Génesis de Santo Agostinho vem enriquecer ainda mais seu trabalho acerca da obra e influência histórica deste autor, sobretudo, como editora chefe do monumental *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*. Oxford University Press, Oxford, 2013.

A presente edição está composta por oito capítulos ligados pelo tema da interpretação agostiniana acerca do livro do Génesis. Segundo a autora, em seus escritos sobre o Génesis, Agostinho tem um destaque especial por seu «ambicioso plan de defender la narración de la creación del Génesis contra diversos críticos intelectuales contemporáneos, a la par que desarrolla y reconfirma varios temas cosmogónicos [...]. Otro de los intereses centrales de Agustín es investigar la relevancia del relato del Génesis para alcanzar una comprensión más plena de la condición humana» (p.39).

No primeiro capítulo intitulado «Cosmología e interpretación del Génesis en el cristianismo antiguo», a autora apresenta uma introdução geral identificando uma grande variedade de possibilidades que nos são oferecidas pelo estudo da Antiguidade quando nos colocamos diante da

reflexão acerca do tema das origens do mundo. Enfatiza muito bem as diferenças fundamentais entre as cosmovisões cristãs e gnósticas com suas posteriores consequências nos campos da ética e da formação do pensamento das comunidades cristãs primitivas. Apresenta as seis importantes características das cosmologias cristãs antigas identificadas por Charlotte Köckert que contrastam com as cosmologias pagãs, para além o exagero presente aqui, na excessiva atenção voltada para Orígenes, Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa. É a partir daqui que introduz o pensamento de Agostinho por meio da análise do *Comentário literal ao Génesis* que, para a autora «parece ser el texto apropiado para investigar aspectos específicos de su cosmología» (p.31), tendo, inclusive, como um de seus leitores mais famosos a Galileu Galilei (p.31). Mesmo sustentando que, ao acercar-se do livro do Génesis, Agostinho «no estaba interesado en el contexto histórico, social y cósmico de las vidas humanas» (p.32) afirma que isto não implica uma negação das leis da natureza, dos mecanismos e estruturas do mundo. Assinala como ingredientes da cosmologia de Agostinho, segundo o seu *Comentário Literal ao Génesis*, várias estratégias para resolver alguns enigmas resultantes de uma certa leitura equivocada do relato bíblico. Por exemplo, o caso do confronto entre as afirmações acerca da conclusão da obra de Deus no sexto dia (Gn 2,2) e do permanente trabalho do Pai (Jo 5,17), quando faz referência ao simbolismo do número seis que «significa perfección y no seis veces 24 horas» e introduz as razões seminais, um conceito originalmente estoico, que são inerentes a tudo o que foi criado nestes primeiros seis dias, «y aunque no son visibles desde el principio, permiten después desarrollos aparentemente nuevos que estaban sin embargo ya enraizados en la naturaleza o en las diversas especies» (p.34). À parte as especulações cosmológicas ou sobre o cosmos como entidade separada, «otro de los intereses centrales de Agustín es investigar la relevancia del relato del

Génesis para alcanzar una comprensión más plena de la condición humana» (p.39). É isso que leva a autora a descrever a forma particular agostiniana de tratar os temas cosmológicos como uma «terapia cognitiva cósmica» (p.40).

O segundo capítulo, intitulado «San Agustín, el libro de Génesis y sus controversias», apresenta os comentários ao Génesis de Agostinho no contexto das múltiplas interpretações antigas (pp.44-53). Para a autora, «la temprana exégesis bíblica en general, y de Agustín en particular, tiene primeiramente la función de clarificar los pasajes oscuros, difíciles o (a simple vista) contradictorios del texto» (p.54). Do exposto aqui, podemos afirmar que Agostinho tinha um entendimento claro da característica principal do texto bíblico de não ser simplesmente um relato de fatos históricos, mas palavra de Deus destinada a comunicar verdades básicas sobre a existência humana (pp.54-55).

O terceiro capítulo, «Exégesis: la historia de nunca acabar», está centrado na análise de vários comentarios sobre o Génesis, na tentativa de ilustrar a grande variedade de métodos adotados na Antigüedad Tardía que pretendiam tornar mais comprensiva a mensagem dos textos bíblicos (pp.57-60).Torna-se muito importante destacar, com a autora, que «debido a su gran formación retórica, los exegetas de la Antigüedad Tardía eran mucho más conscientes de la necesidad de comunicar persuasivamente a sus comunidades el mensaje particular de cada texto, lo cual dependía de una estrecha interacción entre exégeta, texto y lectores o audiencia» (p.61). Apresenta nomeadamente as concepções de Basílio e Ambrósio (pp.61-64), para mostrar as suas influencias sobre Agostinho nas «cinco fases en su acercamiento al texto del Génesis» (pp.65-70). Estas são compostas de seus três comentários diretos ao livro do Génesis, dos livros 11 ao 13 das *Confissões* e dos livros 8 e 12 da *Cidade de Deus*. Para a autora, apesar da variedade de seus escritos exegéticos sobre o Génesis, a intenção principal

de Agostinho permanece sempre a mesma: revelar o Deus criador imutável de um universo mutável (p.75). Depois apresenta a obra de Juan Filopón, *De officio mundi*, escrita entre os anos 546 e 560, que foi considerado «el primero comentario científico cristiano sobre los seis días de la creación» (pp.71-74).

No capítulo quarto, «De Genesi ad litteram», publica-se uma tradução do artigo de Karla Pollmann na monumental obra *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*, onde a autora faz, não só a apresentação da obra tida como «posiblemente la menos conocida y estudiada de las obras principales de Agustín hoy en día» (p.77), como também o resgate histórico da transmissão manuscrita e recepção da mesma ao longo de todos os períodos da história (pp.77-99). Trata-se de uma abordagem completa apresentando todas as edições impressas, comentários e traduções desta obra de Agostinho, além de ressaltar, sobretudo, a grande influência exercida sobre os debates acerca da interpretação literal da Escritura. Para a autora, o *Comentário Literal ao Génesis* «tuvo una importancia crítica en la revolución científica del siglo XVII, cuando los hallazgos de las ciencias incipientes, ya no podían reconciliar con las verdades incuestionables de la Iglesia» (p.93). Cita expressamente a *Carta a la Gran Duquesa Cristiana*, escrita em 1615, onde Galileu cita doze passagens extensas dos primeiros livros do *Comentário Literal ao Génesis* (pp.94-95). Ressalta também o papel deste comentário como texto crítico em outro debate entre ciência e teologia, cerca de 200 anos depois de Galileu, com o aparecimento da teoria evolucionista de Charles Darwin (p.95). Levando em conta os componentes deste embate que envolvia o alcance das possibilidades e limites da exegese literal e o questionamento sobre se, e como, as afirmações de cunho evolucionista podiam conciliar-se com a ortodoxia cristã, segundo a autora «para ambos aspectos del debate, *Gen. litt.* fue un

punto de referencia importante: el debate sobre la exegese literal estaba esencialmente comprometido con los mismo principios exegéticos que ya había sistematizado Galileo cuando se enfrentó con los escritos de Agustín». Além disso, considera o papel do *Comentário Literal ao Génesis* no trabalho de busca de aceitação da nova teoria por parte da ortodoxia católica, sobretudo quando eram considerados os desenvolvimentos acerca das razões seminais. Considera três grandes trabalhos representando a aceitação, rejeição e uma posição moderada envolvendo esse debate: nas obras de Henry de Dorlodor (1918), diretor do Instituto Geológico de Lovaina, que aspirava demonstrar que «el darwinismo había establecido la verdade sospechada por la genialidade de San Agustín» (p.96), no estudo *Agustin and evolution* de Henry Woods (1924), que rejeitava a ideia de que os escritos de Agostinho pudessem favorecer o evolucionismo e «ciertamente constituye el punto culminante de la polémica sobre interpretaciones evolucionistas de *Gen. litt.*» (p.97) e a tese doutoral de Michael McKeough, *The Meaning of the Rationes seminales in St Augustine* (1926), com sua opinião moderada do evolucionismo de Agostinho (p.97).

O capítulo quinto, «Pecado humano y médio ambiente», apresenta duas posturas de Agostinho sobre Génesis 3,18 envolvendo sua visão acerca da natureza e do seu uso, especificamente, a explicação da origem de animais perigosos e de plantas nocivas, ou seja, «hablando en termos generales, de un medio ambiente potencialmente prejudicial para los seres humanos» (p.102). É sabido que Agostinho raramente usa a natureza ou os fenômenos naturais para a edificação moral de seus leitores. Com efeito, nunca diz que espinhos ou qualquer objeto desagradável ou nocivo para a humanidade passaram a existir apenas depois da queda original. Pelo contrário, «es en su original interpretación de Gn 3,18 y passajes paralelos, donde Agustín afirma que todas estas cosas fueron creadas

desde el principio tal como las experimentamos ahora. Según él, será el estado defitario en el que se encuentra la humanidad poslapsaria el que convertirá estos objetos en peligrosos para el ser humano» (p.102). Para a autora, não existe nenhum pensador cristão antigo que tenha admitido que os cardos existiam já antes da queda (p.117). Dada a tradição anterior a Agostinho (pp.103-105), ele foi capaz de mudar ou precisar sua opinião ao longo dos mais de quarenta e quatro anos como escritor, contemplando distintas explicações para as mesmas passagens bíblicas (p.112).

O capítulo sexto, «De la aporia al código», e o capítulo sétimo, «El mismo escenario y las mismas actuaciones», apresentam alguns aspectos específicos da recepção do *Comentário Literal ao Génesis* de Agostinho até à época de Remígio de Auxerre (†908) e Agostinho como paradigma intelectual em Alexander Ross (1590-1654). Fazem parte do projeto internacional e interdisciplinar de Karla Pollmann sobre a recepção de Santo Agostinho de 430 a 2000. É de uma riqueza incomensurável pela apurada solidez das investigações das obras dos diversos autores compreendidos nesse período e permite ver uma série de aspectos importantes que dizem respeito à história da recepção. Merece destaque a amplitude dos textos citados que não se limitam a umas poucas passagens preferidas, mas são tomados em longos períodos, inclusive para explicar outros textos bíblicos que pretendiam explicar a obra de Agostinho. «De esta manera se da lugar a un amplio sistema de conocimiento, que, habiendo llegado a considerarse veraz y vinculante, formará la base de una recepción novedosa de las autoridades del pasado» (p.144).

O capítulo oitavo, «El antiguo pensamiento cristiano en la actualidad», apresenta algumas perspectivas sobre a batalha do conhecimento, envolvendo de forma apaixonada, a defesa da autora no que concerne a uma respeitosa separação entre a ciência como método e o cristianismo como cosmovisão, que não rivaliza necessariamente com a

autentica ciência, mas com uma sua deformação que ela denomina *cientificismo*. Também fica explícita a sua posição quanto à convicção de que pode haver um enriquecimento mútuo por parte da ciência e do conhecimento teológico cristão.

Do exposto até aqui podemos concluir que os trabalhos de Karla Pollmann põem em relevo pontos acerca da interpretação cristã do Génesis, sempre variada em suas formas, defendendo distintas cosmologias preponderantes no contexto de sua época, e enfatizando, sobretudo, a obra de Santo Agostinho recebida ao longo da historia a partir de enfoques diferentes. Sem minimizar nenhum aspecto, coloca a interpretação agostiniana do Génesis ancorada na sua busca pela compreensão das relações entre o Criador e a criatura humana.

MARIA CÉLIA DOS SANTOS¹

¹ Universidade Federal do Cariri – UFCA.